

09 JUL 1962

A rotina da corte

NERTAN MACEDO

ESTADO DE SÃO PAULO

No Rio, há funcionários que têm até cinco empregos públicos nas esferas municipal, estadual e federal, configurando um recorde digno do livro Guinness. Candidamente, a Secretaria de Administração vem agora a público dizer à sociedade que "seus quadros funcionais andam cheios desses atletas das tetas governamentais". Não dá, no entanto, nenhuma informação sobre a maneira como tais cidadãos conseguem equilibrar a proeza da ubiquidade, já que os empregos são incompatíveis em matéria de horário e contrariam muito as leis em vigor.

Mais da metade do governo decorrido, somente agora essas pérolas do marajaismo carioca andam aparecendo. Se quiser consertar o problema, o que duvidamos, o Executivo não terá mais tempo para governar e o Estado continuará à deriva, como ocorre até o momento. É lamentável, considerando que elegemos um governador para "acabar com a violência em seis meses" e outras tolices populistas do gênero que os candidatos costumam prometer e que, infelizmente, ainda cavavam os ingênuos eleitores.

Neste momento, o eleitor de salário mínimo deve estar dividido entre o horror ao expediente e a inveja por não ser um desses apaniguados que ganham sem trabalhar. Sim, porque quem tem cinco empregos públicos não deve mesmo trabalhar em nenhum. O problema do eleitor de salário mínimo ou de classe média é que no seu conceito de honra está codificado que a única coisa que o impede de ter um salário melhor é a falta de competência. Ele come, paga contas e tem dificuldades como todo mundo, mas é capaz até de entender que um indivíduo mais bem preparado tenha acesso ao que lhe é negado. Quando o critério da competência, contudo, é superado por questúnculas que vão do simples apadrinhamento à fraude, ele se revolta, porque sabe que, nesse caso, poderia igualmente ter acesso à remuneração melhor. Foram razões assim que estimularam tanto apoio à candidatura Collor de Mello num período fulminante. Não é por outro motivo, também, que o prestígio dos políticos hoje em dia, é cada vez mais inversamente proporcional ao seu tempo de serviço.

Mas, alheio a esses conceitos tão simples, o governador Moreira Franco foi passear na terra da perestroika e, dizem, conhecer os subterrâneos do Cremlim, recém-descobertos. Faria melhor se conhecesse algo que nos interessa muito mais de perto: os subterrâneos cariocas, eternamente entupidos a cada nova temporada de chuvas na cidade e que costumam encher e dar prejuízo à população com quaisquer cinco minutos de respingos na cidade — fantasma de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A moda, contudo, é que os governantes aceitem qualquer convite para sair pererecando pelo mundo, vendo, com surpresa, que há lugares, mesmo socialistas que funcionam melhor do que seus reinos de Avilã. São férias que eles desfrutam às custas do erário, mesmo que tenham sido eleitos para purgar o inferninho tupiniquim.

Exatamente como nós, que, ainda por cima, pagamos as contas.

CARBONO

A mesma equipe assessora que arruinou a candidatura Antônio Ermírio de Moraes para o governo do Estado de São Paulo rides again na "conversão" à economia de mercado do conhecido estatizante Mário Covas, que concorre à Presidência da República pelo incompetente PSDB. Se pudesse cobrar direitos autorais, o deputado federal pelo PL-SP e também candidato liberal à Presidência, Guilherme Afif Domingos, ficaria rico pelo plágio descarado que Covas anda fazendo do seu discurso — não tendo a cerimônia, sequer, de camuflar expressões que Afif consagrou, como "choque capitalista", entre outras. Mas a falta de "à vontade" de Covas nesse novo discurso é tão evidente que foi notada até por Collor de Mello, de seu tour europeu. O ainda líder das pesquisas flagrou o embuste e disse, alto e bom som, que ninguém deve se iludir com o travestimento: "O verdadeiro Covas é o que queria tudo atrelar ao governo ao longo da Constituinte".

No Brasil, como é sabido, nada se cria, tudo se copia. E em política essa é uma regra inabalável. Afif é o único candidato que até agora mostrou um programa de governo e não é por outro motivo que anda sendo vampirado pela concorrência, apesar das condições modestas que ainda detém no império do Ibope. O problema real é que essas coisas andam mudando, daí o carbono descarado e nenhuma menção da fonte. Em jornalismo é crime.

Nertan Macedo é jornalista e escritor.